

## Transcrição – Projeto de História Oral

E... Eu vou começar quando eu era jovem, *tava* trabalhando, né. Então, eu trabalhava puxando lenha, puxando milho para fazer, fazer comida para nós, porque a única comida que nós *tinha* era comida de milho, né, moer, fazer fubá, fazer canjiquinha. Não sei se vocês conhecem fubá, conhecem canjiquinha... Então, isso aí era comida de índio. Então a gente vai... Depois que acabava todos os serviços na aldeia aí eu ia caçar serviço fora, no sítio ou na fazenda pra trabalhar. Então a gente vai... É por isso que... Você sabe que... Eu, eu não parava na aldeia, vivia só trabalhando fora. Vinha só fim de semana na casa da minha tia porque... Trazer o dinheiro pra poder entregar o dinheiro para ela fazer compra, né. É uma coisa que... Que... Eu sou índio, mas não aprendi a fazer essas coisas, artesanato, essas coisas não aprendi a fazer. Pescar mesmo, eu nunca gostei de pescar. Só assim, pescando assim à toa. Mas para ficar na beira do rio, ir lá e ficar pescando, isso eu nunca, nunca fiz. Ah, eu trabalhei em cada serviço difícil. Furar pedra, né. *Ponhar* bomba pra estourar pedra. Então a gente... Naquela época nós... Sem serviço a gente sofria muito. Não tinha serviço assim pra gente trabalhar fora. Muita gente... Que nem... Que nem eu vim pra cá, eu vim pra cá em 55, vim aqui e já comecei a possuir família.

Não mudou não. Era sempre o Guido Marlière. Eles falam que mudou porque eles, eles... Não há jeito deles falarem o nome da aldeia nossa, que é Guido Marlière. Eles só falam Krenak. Krenak não exis... Aldeia Krenak não existe. Não existe. E, e, eles falam Krenak, é um *patrimôniozinho*. Tem que atravessar do outro lado. Fala "Ô fulano, vamos pra Krenak?" [Resposta] "Ué, vamos!". Eles iam lá e compravam o que precisava e vinha de volta. Quando o rio enchia... Então ele ficava uns três, quatro dias ali parado, esperando o rio abaixar pra poder atravessar pelo rio pra ir pro Krenak. Do Krenak nós *atravessava*, pra é... Tinha uma estação de trem de ferro, daí pegava o trem de ferro pra ir pra Resplendor.

Atravessava na canoa. Naquela época nós *tinha* canoa pra atravessar e tinha barco pra atravessar os cavaleiros. Que vinha os cavaleiros do Krenak para o norte, que é a parte que nós estamos hoje. Eles vinham, atravessava

a cavalo pra poder ir para outro canto, pra onde eles queriam ir. Então a gente fazia isso.

É perigoso perder a origem. Né, porque os *novo* que vai crescendo já vai pegando a conversa dos mais velhos. E eles vão falar "Aqui é Krenak, não é Guido Marlière", que eles não usam falar Guido Marlière, que é o nome da aldeia. E perde mesmo. Se a pessoa não... Se eles não *segurar* o nome da aldeia Guido Marlière, é perigoso perder. Vai ficar pelo Krenak, porque você vê que Krenak é mais fácil para eles *falar*. Mas não é!

Nakrerré. Ó, eles *chama* de Krenak porque eles mesmos que puseram esse nome de Krenak, eles mesmos. Não fala o nome da aldeia. Lá só fala Krenak, mas Krenak na aldeia não existe. Existe o Krenak sim, mas um *patrimôniozinho* que tem lá e até hoje ainda tem, ainda tem esse Krenak ainda.

Tem alguns deles que conhecem. Tem um índio lá que é chamado Rondon que ele falou pra mim que ele tem esse nome lá com ele. E, e, e eu falei pra ele "Vocês *percura* lá na delegacia de Valadares que deve ter os documentos antigos da aldeia". Lá que eles acham. Ou senão em Brasília.

Vocês sabem que eu, eu tenho medo. Porque você sabe que eu... O mais velho. A outra mais velha que ela já se foi, que é comadre Laurita, né. E então a gente, a gente tem medo, porque os *novo* só fala... Você vai conversar com eles "O que que você... O que que você é?" [Resposta] "Eu sou Krenak". Então eles ficam nisso aí. "Só sou Krenak". E não é Krenak, é Nakrerré. Guido Marlière que é a aldeia.